



Circonfessar-se (o outro)¹

To Circumfess Oneself (the Other)

Rafael Guimarães Tavares Silva*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

gtsilva.rafa@gmail.com

Resumo: A obra de Jacques Derrida oferece uma reflexão contínua sobre os desafios e potencialidades da escrita na contemporaneidade. Em seu texto “Circonfissão”, o autor desdobra seu pensamento a fim de tocar – a partir de um ponto de vista explicitamente autobiográfico – uma (im)possível textualidade judaica hoje. A intenção deste artigo é destacar alguns pontos desse texto – contextualizando-os no interior do *corpus* derrideano – a fim de sugerir novas vias de compreensão das questões tradicionais relacionadas à experiência da escrita de si como escrita judaica (ou ainda, da escrita judaica como escrita de si).

Palavras-chave: Derrida. Desconstrução. Autobiografia.

Abstract: The work of Jacques Derrida offers an ongoing reflection upon the challenges and potentialities of writing in the contemporaneity. In his text “Circumfession”, the author unfolds his thought in order to touch – from a point of view explicitly autobiographical – one (im)possible Jewish textuality today. The aim of this article is to detach some points of this text – contextualizing them within Derrida’s *corpus* – in order to suggest new ways of understanding the traditional questions related to the experience of writing oneself as a Jewish writing (or also, of the Jewish writing as writing oneself).

Keywords: Derrida. Deconstruction. Autobiography.

Introdução

A tradição judaica enfrenta uma série de desafios para propor formas de textualidade que – partindo de uma prática milenar da escrita – seja capaz de responder às mais recentes inovações em termos de realidade virtual, hipertextualidade e novas mídias. Um escritor atento às nuances desse diálogo com o passado, a partir de um presente

¹ Artigo dedicado a Tatá, em agradecimento a Lorena e Gabriel.

* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



que se dissemina em formas diversas de abertura ao porvir – levando sempre em conta o estado do judaísmo e das judeidades,² principalmente no sombrio século XX –, é Jacques Derrida. Muitas de seus trabalhos, sobretudo, aquelas que são mais explicitamente autobiográficas (embora tal definição para o *corpus* derrideano seja complicada, como Geoffrey Bennington com razão remarcou³), oferecem uma reflexão detida sobre a possibilidade de uma escrita judaica contemporânea, sem descuidar de outras questões fundamentais de nosso tempo (como os feminismos e o pós-colonialismos, por exemplo). “Circonfissão” [“Circonfession”], *Memórias de cego* [*Mémoires d’aveugle*] e *O monolinguismo do outro* [*Le monolinguisme de l’autre*] são alguns de seus escritos que oferecem considerações incontornáveis sobre essas questões e dão lugar a uma série de desdobramentos para a discussão aqui proposta.

Aquilo a que se chama “textualidade judaica” envolveria, a partir de Derrida, a relação entre a experiência pessoal de um(a) escritor(a) da tradição judaica e a escrita de seus textos – independentemente do tema tratado por eles –, na medida em que rastros de uma autobiografia encontram-se em cada um dos traços de uma pessoa. Essa constatação é o que lhe permite afirmar:

Como as Memórias, o Auto-Retrato aparece sempre na reverberação de várias vozes. E a voz do outro comanda, faz retinir o retrato, apela-o sem simetria nem consonância.

Se aquilo a que se chama auto-retrato depende do facto de se lhe chamar “auto-retrato”, um acto de nomeação deveria, a *justo título*, permitir-me chamar auto-retrato não importa o quê, não somente não importa que desenho (“retrato” ou não), mas tudo quanto me chega e de que eu posso afectar-me ou deixar-me afectar.⁴

Os interesses de Derrida – reconhecidamente divididos entre aquilo que tradicionalmente foi considerado parte do campo filosófico e parte do campo literário – encontrariam nessa dimensão autobiográfica do traço (num texto escrito, numa pintura, num filme, num gesto) o feixe que perpassa seu *corpus*. Conforme uma de suas célebres afirmações durante uma entrevista concedida a Derek Attridge, em resposta a uma pergunta sobre seu *interesse primeiro* [*primary interest*] pela literatura e sua relação com trabalhos aprofundados sobre textos filosóficos:

Decerto, eu hesitava entre filosofia e literatura, sem renunciar a nenhuma das duas, buscando talvez, obscuramente, um lugar a

² Para considerações sobre as diferenças entre judaísmo e judeidade(s), com pertinentes indicações bibliográficas (DERRIDA, 2014a, p. 116-26).

³ BENNINGTON, 1996, p. 221.

⁴ DERRIDA, 2010, p. 70, tradução de Fernanda Bernardo.



partir do qual a história dessa fronteira pudesse ser pensada ou até mesmo deslocada: na própria escritura e não somente na reflexão histórica ou teórica. E como o que me interessa ainda hoje não se chama estritamente literatura nem filosofia, diverte-me pensar que meu desejo, digamos, de adolescente pudesse ter me direcionado para algo da escritura que não era nem uma coisa nem outra. O que era então?

“Autobiografia” talvez seja o nome menos inadequado, pois permanece, a meu ver, como o mais enigmático, o mais aberto, ainda hoje. Neste momento, aqui mesmo, por meio de um gesto que comumente seria chamado de “autobiográfico”, estou tentando lembrar o que aconteceu quando me veio o desejo de escrever, de forma tão obscura quanto compulsiva, a um só tempo impotente e autoritária. Bem, o que acontecia naquele momento era exatamente algo como um desejo autobiográfico.⁵

Dentre seus textos mais explicitamente autobiográficos já citados (e aos quais poderiam ser acrescentados outros, como, por exemplo, *Glas* e *O cartão-postal* [*La carte postale*]), aquele que, partindo de fatos e dados de sua experiência pessoal – “como cristão latino francês [*chrétien latin français*] embora tenham expulsado do liceu de Ben-Aknun em 1942 o judeuzinho escuro e muito árabe [*un petit Juif noir et très arabe*] que nada entendia”⁶ –, desdobra reflexões sobre as circunstâncias para que se fale ainda em uma “textualidade judaica” é “Circonfissão”. O próprio título do texto – uma palavra cunhada por Derrida para amalgamar a circuncisão (de matriz judaico-muçulmana) e a confissão (de origem mais diretamente cristã) – remete à necessidade de se pensar a escrita de si na contemporaneidade, para um autor judeu, na encruzilhada dessas culturas – da qual era uma significativa metonímia a Argélia de sua infância, como se vê no trecho em que ele remete a esse período: “entre 1929 e 1934, data em que voltamos a El-Biar, dessa vez para lá nos instalar até 1962, na bordadura de um quarteirão árabe [*à la bordure d’un quartier arabe*] e de um cemitério católico [*et d’un cimetière catholique*]”.⁷

Esse texto fundamental de J.[acques] D.[errida] faz parte de um contrato entre ele e G.[eoffrey] B.[ennington], cujos detalhes são especificados numa nota inicial. Por um lado, o autor britânico “dedicou-se a descrever, de acordo com as normas pedagógicas e lógicas que considera, se não a totalidade do pensamento de J. D., pelo menos o sistema geral desse pensamento”, tendo por ideia diretriz “sistematizar o

⁵ DERRIDA, 2014, p. 45-46, tradução de Marileide Dias Esqueda.

⁶ DERRIDA, 1996a, p. 50, § 11.

⁷ DERRIDA, 1996a, p. 193, § 52.



pensamento de J.D. a ponto de fazer dele um programa interativo que, apesar de sua dificuldade, seria, em princípio, acessível a qualquer tipo de usuário”.⁸ Por outro lado, foi proposto ao autor argelino que, depois de ler o texto de G. B., “escrevesse por sua vez alguma coisa que fugisse à sistematização assim proposta, que a surpreendesse”.⁹ O resultado desse contrato textual – no qual a antiga tradição do comentário se mistura de forma intrincada à moderna hipertextualidade da informática, com suas inúmeras bases de dados – foi uma tessitura complexa, multifacetada e que poderia ser descrita (com o perdão do oxímoro), como “escancaradamente hermética” a fim de remeter a seus vários níveis de leitura (aludidos e praticados *no* e *pelo* próprio texto).

Conforme Miller,

[o]s emaranhados e diversificados fios [desse texto] incluem: o luto de Derrida por sua mãe; o tema da circuncisão (como castração e ressurreição) e a complexa relação de Derrida com a afirmação e a recusa de seu judaísmo; analogias com as *Confissões* de Santo Agostinho; a aleatória e portanto imprevisível [*unpredictable*] “perversidade” do P.C., isto é, do sistema computacional de Derrida, “MacWrite, Macintosh SE Apple [Maçã] do PaRDÊS”, do qual ele faz o *download* e arquiva o que escrevera, onde *Pardês* é a palavra para o jardim da família de Derrida de volta a El-Biar, Argel, a maçã do Jardim do Paraíso [*Paradise*] (pegou?), mas também as famosas maçãs ou peras que Agostinho e Rousseau roubaram e então confessaram ter roubado em suas *Confissões*; a orientação do que Derrida escreve para/por [*to*] um segredo inescrevível [*unwritable*]; o curso fora do percurso [*the off-course course*], sem destinação pré-definida, da vida de Derrida, sua “Moira” ou fado, sua “vida terá sido tão curta [*la vie aura été si courte*], a viagem breve, dificilmente organizada, por você sem farol ou livro”; e, finalmente, o desejo de Derrida, pelo qual ele escreve em “Circonfissão”, de “lançar o teológico [*le théologiel*: uma palavra *portmanteau*; *logiciel* significa “programa de computador” em francês] de G. [ou seja, de Geoffrey Bennington] fora do percurso” – ou seja, a tentativa de Bennington de criar em sua seção do livro o simulacro de uma “Derridabase” computadorizada e digital, que permitiria a

⁸ BENNINGTON; DERRIDA, 1996, p. 5.

⁹ BENNINGTON; DERRIDA, 1996, p. 5.



qualquer leitor ter total comando sobre o que Derrida escrevera.¹⁰

Circundando o complexo de temas envolvidos por esses circunlóquios – 59 ao todo, idade do autor no momento em que escrevia a versão final do texto –, Jacques Derrida replica os tornos de sua argumentação por meio de uma série de jogos: i) linguísticos (gramatológicos?); ii) numéricos (cabalísticos?); iii) intertextuais (desconstrutivistas?). Embora esses jogos impliquem-se mutuamente, é possível destacar alguns deles para sugerir de que forma seu emprego torna esse texto apto a circunscrever – de forma leve, exata, múltipla, rápida, visível, consistente (conforme os valores literários considerados imprescindíveis à escrita contemporânea por Italo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio*) e vice-versa – suas mais complexas especulações.

1 Jogos linguísticos (gramatológicos?)

O autor ressalva que “jamais apreci[a] o jogo de palavras sem além, fica a relva [*herbe*] e não o verbo [*verbe*”,¹¹ de modo que ao longo de seu texto o recurso a vocábulos homófonos (em mais de uma língua, às vezes) sugere uma série de associações daquilo que é tratado por ele, sempre com implicações teóricas importantes: a carne sangrenta – tanto na circuncisão quanto na eucaristia cristã – é diretamente trazida desde o início do texto com o vocábulo *cru* [*cru*], num fonema

¹⁰ No original: “The tangled and diversifying threads include: Derrida’s mourning for his mother; the theme of circumcision (as castration and resurrection) and Derrida’s complex relation of affirmation of and refraining from his Jewishness; analogies with St. Augustine’s *Confessions*; the aleatory and therefore unpredictable “perversity” of the P.C., that is, Derrida’s computer “system, MacWrite Macintosh SE Apple of PaRDeS,” from which he downloads and “archives” what he has written, where *Pardes* is the word for Derrida’s family garden back in El-Biar, Algiers, the apple of the Garden of Paradise (get it?), but also the famous apples or pears that Augustine and Rousseau stole and then confessed to having stolen in their *Confessions*, the orientation of what Derrida writes to an unwritable secret; the off-course course, without predefined destination, of Derrida’s life, his “Moirá” or fate, his “life will have been so short [*la vie aura été si courte*], the voyage short, scarcely organized, by you with no lighthouse and no book”; and, finally, Derrida’s desire, by what he writes in “Circumfession,” to “throw G’s [that is, Geoffrey Bennington’s] theologic program [*le théologiciel*: a portmanteau word; *logiciel* means “computer program” in French] off course” – Bennington’s attempt, that is, to create in his section of the book the simulacrum of a computerized digital “Derridabase” that would allow any reader full command over all Derrida has written.” (MILLER, 2009, p. 30).

¹¹ DERRIDA, 1996a, p. 171, § 46.



que se repete outras vezes, e que se dá a ver como *crû* [crescido; lavra] (a partir do particípio passado do verbo *croître* [crescer]) ou ainda como *crue* [montante de um curso d'água; crescimento] (conforme indicações do dicionário *Le Nouveau Petit Robert*). Os temas da infância, dos conflitos entre judaísmo, cristianismo e islamismo – evocados sob a temática da circuncisão e da ressurreição, por exemplo – são algumas das questões trazidas por este *cru* (que, não custa lembrar, é também o particípio passado do verbo *croire* [crer], donde, “crido”). Entre outros jogos interessantes,¹² há um – ainda ligado ao sangue de *cru* –, que, embora esteja presente ao longo de todo o texto, encontra um tratamento detido numa passagem em que Derrida considera, como “único objeto de [seu] trabalho”:

[a] multiplicação das escaras [*escarres*] tanto pelo corpo da mãe como pelo meu, da coisa e das palavras, gosto em demasia das palavras porque não tenho língua que seja minha, somente falsas escaras [*fausses escarres*], falsos focos [*faux foyers*] (*eskhara*), essas crostas enegrecidas e purulentas que se formam em torno das chagas pelo corpo de minha mãe, sob os calcanhares, depois no sacro, nos quadris, numerosas, vivas, fervilhantes de homônimas, todas essas escaras [*escarres*], fogos de altar para deuses e sacrifícios, braseiro, fogueira de bivaque, sexo da mulher, a escarificação da palavra mesma engendrando uma enorme família de bastardos etimológicos, de progenituras que mudam de nome e cuja escara [*escarre*] homônima, o esquadro do brasão esquartelado [*équerre du blason quarré*], da origem às genealogias em abismo das quais não abusarei mas aqui não paro sem observar o vínculo com a cicatriz inglesa, *scar*, ou com o recorte do alto-alemão, *scar*, a escatologia de minha circuncisão, pois esse termo envelhecido, a escara derivada de *scar*, significa o estrépito, a violência da efração por vanguarda (pois para além de todas as acepções arcaicas dessa palavra-senha eles nunca me perdoaram ser o escatologista mais avançado, a última vanguarda que conta, pois o *escart*, outra palavra, designa o avanço do estudante sobre o adversário no

¹² Outros exemplos teriam lugar a partir: da sílaba *pri* (em *pris* [pego], *prière* [prece] e *prix* [preço]) (DERRIDA, 1996a, p. 52, § 12); da sílaba CL (contida nos nomes dos primos Claude e Claudie) e sua importância em *Glas* (DERRIDA, 1996a, p. 117, § 31); da relação de *duel* [duelo] e *deuil* [luto] (DERRIDA, 1996a, p. 121, § 32); dos ecos do nome *Élie* [Elias], o nome judaico secreto de Derrida (DERRIDA, 1996a, p. 130, § 35); da sílaba *ci*, para promover uma circuncisão (DERRIDA, 1996a, p. 150, § 40).



jogo de barra [*au jeu des barres*]), caso eu morra antes de minha mãe, ou de G. [...].¹³

As feridas abertas no corpo da mãe (devido a seu estado de coma), a relação com a divindade (como sugere a alusão à palavra grega, ἐσχάρα [*eskhára*], “braseiro ou altar para queimar oferendas aos deuses”), memórias de infância, questões de gênero, marcas na carne (*scar* [cicatriz], da qual a circuncisão é apenas um tipo), genealogias em abismo – esses são alguns dos temas autobiográficos desdobrados por Jacques Derrida (sejam eles filosóficos, literários ou memorialísticos) a partir da palavra francesa *escarre* e de sua algaravia.

O jorro [*jet*] da escrita derridiana nesse texto dá-se a ver – mesmo a partir de um breve fragmento como o destacado acima – naquilo que circunscrevem os 59 períodos e perífrases de que é composto,¹⁴ em sua busca por uma

outra sintaxe, e não gramatical, que carece ser inventada para falar do nome de Deus que não é aqui nem do pai nem da mãe, nem do filho nem do irmão nem da irmã, e dessa sintaxe que me advém lentamente como a esperança de uma ameaça, tenho cada vez mais medo, como a criança amedrontada que até a puberdade chamava “Mamãe tenho medo” todas as noites até que a deixassem dormir num sofá junto aos pais, medo hoje do que a mim acaba de ocorrer no meio do caminho, às vésperas dos 59 anos [...].¹⁵

2 Jogos numéricos (cabalísticos?)

A importância de jogos numéricos para a composição (e mesmo para a decifração) de textos de Jacques Derrida é reconhecida pelo próprio autor, como quando, por exemplo, explica as regras implícitas à escrita de seu livro *O cartão-postal* [*La carte postale*].¹⁶ Em “Circonfissão”, esse aspecto é ainda radicalizado pelas possíveis implicações cabalísticas que o recurso a jogos numéricos pode ter num texto tematizando a condição judaica na contemporaneidade e questionando as circunstâncias para sua textualidade. Entrecruzam-se aí o número 59 – explicado pelo

¹³ DERRIDA, 1996a, p. 73-74, § 18, tradução de Anamaria Skinner.

¹⁴ Sobre esses 59 períodos e perífrases, Derrida – recorrendo a um dos campos semânticos importantes para a escrita de seu texto – afirma escrever em “Circonfissão”, “tomando o pulso de uma frase contornante, a pulsão do parágrafo que jamais se circompleta, tanto tempo quanto o sangue, o que chamo assim e assim chamo, continue a advir em sua veia [*continue de venir en sa veine*].” (DERRIDA, 1996a, p. 19, § 2, tradução de Anamaria Skinner).

¹⁵ DERRIDA, 1996a, p. 91-92, § 23, tradução de Anamaria Skinner.

¹⁶ DERRIDA, 2007, p. 11.



próprio autor com base em sua idade na época da redação final do texto – e o número 4, como quando, por exemplo, afirma: “caso eu chegue, antes do final deste ano se sobrevivê-lo, ao cabo de meus 59 períodos, 59 respirações, 59 comoções, 59 compulsões a quatro tempos”.¹⁷

Esses “quatro tempos” advêm ao escrito derrideano das formas mais diversas possíveis: são as quatro camadas textuais subjacentes a uma das primeiras concepções de seu texto;¹⁸ são os quatro principais períodos recortados por “Circonfissão” – “1. o teologial de s[anto] A[gostinho], 2. o saber absoluto ou geologial de G.[oeffrey Bennington] como 3. a sobrevivência presentemente presente ou vida interina de Georgette Sultana Esther [a mãe de Derrida]”, além de 4. o tempo dos cadernos elaborados no final da década de 70;¹⁹ são os quatro rabinos, cujo canto traria misturada a voz de Derrida “à entrada do PaRDêS”;²⁰ são as quatro épocas de sua “Circonfissão”, desde seus primeiros traços autobiográficos até a “época fugida, indeterminada, em que o espectador olha, fora do quadro” (comparáveis às da representação sincrônica de quatro tempos no quadro “El entierro del conde de Orgaz”, de El Greco);²¹ entre outras. Nesse sentido, o número quatro é revelado pelo próprio autor como uma das chaves fundamentais para a composição cabalística de sua “Circonfissão”:

é preciso sincronizar os quatro tempos na mesma perífrase, necessidade que de mim se aproximou tantas vezes entre as quais essa, no começo dos anos 80: *“Com relação à singular partição desses quatro epítomes, tão pouco racional para ser desmentida ou complicada, entrecortada, descubro o modelo quaternário de um discurso paradisíaco da ‘racionalidade’ judaica, a esclarecer etc.: 1. Peshat, a literalidade desnudada como uma glande, 2. R’Emez, cripta, alegoria, segredo, palavra eludida, 3. Derush, a moralidade, a homilia, a eloquência persuasiva e de púlpito, 4. Sod, profundo, cabalístico... embora o PaRDêS dessa partição, e o trago ‘no sangue’, não recubra aquele que a mim se impõe, alguma laboriosa tradução não está a isso interdita.*”²²

Esses jogos numéricos, cujos desdobramentos vão de mãos dadas com a questão da data, são imprescindíveis para uma série de reflexões em que o autor atenta para a

¹⁷ DERRIDA, 1996a, p. 96-97, § 25, tradução de Anamaria Skinner.

¹⁸ DERRIDA, 1996a, p. 191, § 51.

¹⁹ DERRIDA, 1996a, p. 60, § 14.

²⁰ DERRIDA, 1996a, p. 167, § 45.

²¹ DERRIDA, 1996a, p. 112, § 29.

²² DERRIDA, 1996a, p. 84-86, § 21, tradução de Anamaria Skinner.



importância de se levar em conta as particularidades do evento, daquilo que escapa às abstrações ou às generalizações homogeneizantes. Sua função basilar na composição de vários textos de Derrida (*O cartão-postal* e *Shibboleth*, para ficar apenas em alguns dos mais óbvios) é evocada também aqui quando ele afirma: “às vésperas dos 59 segredos de Ali-Babá, um indecifrável por afetação, a cada data uma gota de sangue, uma data basta para deixar o geologial no mesmo lugar”²³ Ou ainda:

Isso só a mim acontece, logo basta fazer girar 6 palavras, 6 vezes uma palavra de minha língua, isso só a mim acontece, e desta circunfissão vocês terão tudo, a triagem desses eventos singulares próprios a desmontar o teologial de G.²⁴

3 Jogos intertextuais (desconstrutivistas?)

Como terá ficado claro a partir das inúmeras citações de “Circunfissão”, Derrida – além de retomar as palavras de sua mãe, as de seus próprios cadernos escritos entre as décadas de 70/80 e as do teologial (ou geologial) da “Derridabase” esboçada por Geoffrey Bennington – recupera inúmeras passagens, em latim, das *Confissões* de santo Agostinho. Ainda que o autor faça uma ressalva sobre as citações por meio das quais promove seus jogos intertextuais – “não acreditem que cito mais do que G.[eoffrey Bennington], não, arranco a pele, como sempre, me desmascaro e escamo lendo sensatamente os outros como um anjo, vasculho-me até o sangue, mas neles”²⁵ –, é preciso notar que nenhuma dessas retomadas pelo autor é inocente e, em todas, são traçados vários deslocamentos que questionam radicalmente os pressupostos sobre os quais algumas de suas ideias estariam fundamentadas: a pretensa alienação da mãe no período em que esteve doente;²⁶ a pretensa compreensão do pensamento derrideano oferecida pelo texto de Bennington;²⁷ o caráter judaico da composição do “livro de Elias”, esboçado por Derrida em seus cadernos das décadas de 70/80;²⁸ a aparente inevitabilidade de uma conversão à fé católica (à verdade cristã do catolicismo) armada no interior de um discurso confessional teleologicamente disposto por santo Agostinho.²⁹

Outros deslocamentos poderiam ser entrevistados e – mesmo para os sugeridos aqui – explicitados de forma mais clara, mas o que importa ressaltar é principalmente sua função para o pensamento derrideano. Por meio dessa retomada da tradição, o autor

²³ DERRIDA, 1996a, p. 174, § 47, tradução de Anamaria Skinner.

²⁴ DERRIDA, 1996a, p. 211, § 58, tradução de Anamaria Skinner.

²⁵ DERRIDA, 1996a, p. 169, § 45, tradução de Anamaria Skinner.

²⁶ DERRIDA, 1996a, p. 103, § 27.

²⁷ DERRIDA, 1996a, p. 30, § 6.

²⁸ DERRIDA, 1996a, p. 192, § 52.

²⁹ DERRIDA, 1996a, p. 94-95, § 24.



promove deslocamentos operados em (e a partir de) sua própria escrita, abrindo-se às possibilidades esboçadas pelo evento para o porvir. As reflexões de Derrida para as textualidades judaicas contemporâneas oferecem indicações que incorporam os desafios e as potencialidades presentes, podendo sugerir novas abordagens de questões tradicionais da experiência característica de autores judeus.

4 Desdobramentos

O movimento inaugurado por esse pensamento da “circonfissão”, elaborado gradualmente ao longo de toda a obra de Jacques Derrida (1996a, p. 58, § 14),³⁰ amplia as possibilidades da escritura e da leitura do *grámma* (como se dava a ver já em sua *Gramatologia*) para desdobrar reflexões também sobre a marca inscrita no corpo (e, reversivelmente, no *corpus*). Entre as múltiplas possibilidades da escrita de si – a partir tanto de uma experiência única quanto de uma tradição comum –, a atenção do próprio que se abre ao outro é algo atravessando a própria ideia de uma “circonfissão”. Conforme um estudioso brasileiro,

[a] (autobio)grafia constitui a memória do corpo, o arquivamento de um traço que não é rigorosamente nada fora do *corpus* que habita. Se a indicação do nome próprio em sua forma *autográfica* (fantasma de uma assinatura) resiste ainda no horizonte da desconstrução, é somente com a condição de abrir para a economia geral governada pela lei do outro. A (autobio)grafia se vê então deslocada por uma (heterobio)grafia que lhe é incomensurável. A (heterobio)grafia significa a experiência singular como prova da aporia, abrindo o caminho para o outro.³¹

Essa abertura dá-se a ver em “Circonfissão” quando Derrida espera, para “hoje no que resta do judaísmo neste mundo, a Europa e o outro,” compreender de que forma se resolverá “a questão interminavelmente preliminar de saber como eles, os judeus e os outros, podem interpretar a circonfissão”.³² Há uma preocupação, portanto, com a recepção que possa ser dada a suas propostas para uma textualidade judaica, seja pelos próprios judeus, seja pelos outros. Ainda assim, mesmo nesse interesse aberto à recepção que lhe reserva a alteridade, o autor nunca deixa de abrigar uma consciência aguda de si – e, nesse sentido, de seu próprio judaísmo (que não pode ser confundido com um possível “judaísmo hoje” *tout court*, no qual o lugar ocupado por um trauma como o da “solução final” exigiria desenvolvimentos muito mais longos

³⁰ DERRIDA, 1996a, p. 58, § 14.

³¹ NASCIMENTO, 2015, p. 348-349.

³² DERRIDA, 1996a, p. 210, § 57, tradução de Anamaria Skinner.



do que os que lhe são dedicados nesse texto, restritos ao fim do § 58 e a considerações no § 59).³³

A tensão que perpassa suas relações com essa cultura, da qual ele é herdeiro (ainda que malgrado seu, como ele faz questão de enfatizar),³⁴ revela-se quando são contrapostas duas expressões empregadas por ele para se referir si mesmo: “o último dos judeus [le dernier des Juifs], que sou [...] o circunciso é o asseado [le circoncis est le propre]”³⁵ e “sou desses marranos que nem mesmo judeus se dizem no imo de seu coração”.³⁶ Ainda que o autor venha a reconhecer posteriormente certa puerilidade nessas expressões,³⁷ é certo que tece entre elas uma indecidibilidade tensa, na qual entrevê uma possibilidade para a expressão do judaísmo e, sobretudo, de sua própria judeidade. Sobre isso, ele viria a afirmar:

A título da exemplaridade, e sobretudo daquilo que chamo regularmente o contraexemplo, quando jogo sem jogar [*quand je joue sans jouer*], num caderninho de 1976 citado em “Circonfissão”, ao me apelidar “o último dos judeus”, apresento-me de uma só vez como o menos judeu, o judeu mais

³³ A reticência de Derrida com relação a isso pode ser melhor compreendida quando afirma – depois de ter mencionado o antissemitismo existente em sua infância na Argélia – o seguinte: “Tout cela n’était, malgré la douloureuse gravité de la chose, en rien comparable avec la tragédie des Juifs d’Europe et même des Juifs de France, gravité monstrueuse que nous ignorions et pour laquelle, plus tard, pour cette raison même, ma compassion et mon indignation horrifiée furent et restent celles qui doivent émouvoir une conscience universelle, plutôt que celle d’un Juif touché dans les siens” (DERRIDA, 2014a, p. 91).

³⁴ Uma das afirmações mais evidentes nesse sentido é quando o autor escreve: “Si je me fie à ce qui demeure pour moi irrécusable ou indéniable, à savoir un « je suis juif », non pas « je suis d’abord juif », mais « je suis déjà et depuis toujours juif et je l’assumerai à tout prix », cette expérience de l’irrévocable a toujours toléré, voire exigé une incertitude infinie sur ce que peut vouloir dire et engager un « vivre ensemble » dans une communauté juive – et d’abord avec soi comme juif et avec soi en général.” (DERRIDA, 2014b, p. 24).

³⁵ DERRIDA, 1996a, p. 114, § 30.

³⁶ DERRIDA, 1996a, p. 124, § 33.

³⁷ O autor afirma em *Le monolingüisme de l’autre*: “Bien que je mesure, crois-moi, le ridicule et l’outrecuidance de ces allégations puériles (comme le « je suis le dernier des Juifs » dans *Circonfession*), j’en prends le risque pour être honnête avec mes interlocuteurs et avec moi-même, avec ce quelqu’un en moi qui sent ainsi les choses. Ainsi et non autrement. Comme toujours je te dis la vérité, tu peux me croire, toi.” (DERRIDA, 1996b, p. 83).



indigno, o último a merecer o título de judeu autêntico, e ao mesmo tempo, por causa disso, em razão de uma força de ruptura desenraizante e universalizante com o lugar, com o local, o familiar, o comunitário, o nacional, etc., aquele que interpreta sem interpretar [*joue sans jouer*] o papel do mais judeu de todos, o último e então o único sobrevivente destinado a assumir a herança das gerações, a salvar a resposta ou a responsabilidade perante a assinatura, ou perante a eleição, sempre sob o risco de se tomar por um outro, o que pertence à essência de uma experiência da eleição; como se menos pudesse mais; e como se (vocês sem dúvida já remarcarão que eu recorro frequentemente ao “como se”, e o faço de bom grado, e sem jogar [*sans jouer*], sem facilidade, pois creio que um certo *talvez* do *como se*, o poético ou o literário, em soma, bate no coração do que gostaria de confiar-lhes aqui), *como se* fosse aquele que mais desmente [*désavoue*], e que parece trair os dogmas do pertencimento comunitário, religioso, e até mesmo o do povo, da nação e do Estado, etc., *como se* apenas este aí representasse a exigência última, a requisição hiperbólica daquilo mesmo que ele parece trair ao perjurar.³⁸

³⁸ No original: "Au titre de l'exemplarité, et surtout de ce que j'appelle régulièrement le contre-exemple, quand je joue sans jouer, dans un carnet de 1976 cité dans «Circonfession», à me surnommer « le dernier des Juifs », je me présente à la fois comme le moins juif, le Juif le plus indigne, le dernier à mériter le titre de Juif authentique, et en même temps, à cause de cela, en raison d'une force de rupture déracinante et universalisante avec le lieu, avec le local, le familial, le communautaire, le national, etc., celui qui joue à jouer le rôle du plus juif de tous, le dernier et donc le seul survivant destiné à assumer l'héritage des générations, à sauver la réponse ou la responsabilité devant l'assignation, ou devant l'élection, toujours au risque de se prendre pour un autre, ce qui appartient à l'essence d'une expérience de l'élection ; comme si le moins pouvait le plus ; et comme si (vous avez sans doute déjà remarqué que je recours souvent au «comme si», et je le fais à dessein, et sans jouer, sans facilité, car je crois qu'un certain *peut-être* du *comme si*, le poétique ou le littéraire, en somme, bat au coeur de ce que je voudrais vous confier ici), *comme si* c'était celui qui désavoue le plus, et qui semble trahir les dogmes de l'appartenance communautaire, religieuse, voire celle du peuple, de la nation et de l'État, etc., *comme si* celui-là seul représentait l'exigence dernière, la requête hyperbolique de cela même qu'il semble trahir en parjurant." (DERRIDA, 2014a, p. 87-8).



A duplicidade dessa relação – condensada por Derrida em expressões dúbias, de valor indecível – subjaz àquilo que ele considera seu “pertencimento sem pertencimento [*appartenance sans appartenance*]” aos mais diversos grupos e comunidades, como o Estado, a língua, a religião e a família.³⁹ Um desdobramento dessa compreensão se dá também na “série de rupturas sem ruptura” com sua família, cuja motivação direta é especificada nos seguintes termos: “a impossibilidade assegurada desde o início do casamento endógamo e [...] a não-circuncisão de meus filhos.”⁴⁰

Esse movimento de recusa explica-se pela tentativa de preservar – num movimento de reserva – a decidibilidade no seio da própria indecidibilidade (a possibilidade no seio da impossibilidade mesma). Isso se dá a ver de maneira exemplar em sua relação com a aprendizagem do hebraico, por um lado (que lhe foi imposto e que ele recusou), e do francês, por outro (que lhe foi recusado e que ele buscou):⁴¹

tive de fingir que aprendia hebraico, menti-lhes sobre a língua e a escola, fingi aprender hebraico para lê-lo sem compreender, como as palavras de minha mãe hoje, certa ocasião, 1943, casa de um rabino da rua d’Isly, às vésperas do *bar-mitzvá*, que eles chamavam também “comunhão”, no momento em que a Argélia francesa na pessoa de seu Governador-geral, sem intervenção de nenhum nazista, havia me expulsado da escola e retirado a cidadania francesa, encontrando-se o compromisso de Décremieux desse modo anulado, um decreto menos velho que meus avós, é verdade, Abraão e Moisés, de modo que posto para fora desse modo, tornei-me o fora, eu, em vão aproximaram-se de mim não mais me atingirão, nem elas, e fiz minha “comunhão” evadindo-me da prisão de todas as línguas, a sagrada na qual queriam me encerrar sem para ela me abrir, a secular que sublinhavam jamais seria a minha, mas tal ignorância consistiu na ventura de minha fé assim como na de minha esperança, de meu gosto mesmo pela “palavra”, o gosto pelas letras [...].⁴²

³⁹ DERRIDA, 2014b, p. 36.

⁴⁰ DERRIDA, 1996a, p. 75, § 18.

⁴¹ A complexidade dessas relações é uma das principais questões tratadas por *Le monolinguisme de l’autre* (DERRIDA, 1996b), cujas implicações para o que tem sido demonstrado a partir de “Circonfissão” seriam consideráveis.

⁴² DERRIDA, 1996a, p. 201, § 54, trad. de Anamaria Skinner.



Uma mesma tentativa de preservar como possível ainda a decidibilidade (com relação ao judaísmo – a essa herança irrecusável) subjaz à sua recusa tanto do casamento endógamo quanto da circuncisão dos filhos. Isso é tratado como o “se [si]” do “CIR-CON-SE-SO [CIR-CON-SI]”.⁴³ A manutenção desse “se” só é possível por meio da recusa daquilo que lhe anularia toda possibilidade de “sim” e de “não”. Ainda que seu “não” possa ser visto, num primeiro, como uma recusa, é preciso compreender que, apenas por meio dele, preserva-se efetivamente a possibilidade de um “sim” e de um “não” por vir.⁴⁴

Nessa mesma chave da recusa, Derrida evoca seu nome judaico secreto.⁴⁵ O segredo reservado sob esse nome de Elias [Élie] – antes desconhecido de seu próprio “portador”, Derrida – é o que lhe preservava ainda dos riscos advindos com sua revelação:

o fato de que esse prenome não tenha sido inscrito no registro civil [como o foram os nomes hebraicos de minha família] (como se o quisessem ocultar, mais ainda que os outros nomes hebraicos, colocados depois dos outros), tenha sido como que apagado, retido, significava muitas coisas misturadas: em primeiro lugar que me queriam ocultar como um príncipe cuja filiação é provisoriamente dissimulada a fim de que sua vida seja protegida (penso neste instante, buscando explicar esse gesto (de que meus pais nunca me falaram, e a respeito do qual nunca os interroguei, o que vem a ser secundário e só ocupa aqui tanto espaço em razão do caminho que escolhi seguir) que um irmão morreu com alguns meses, menos de um ano antes de meu nascimento, entre meu irmão mais velho, René [Abraão] e eu. Chamava-se Paulo Moisés), proteger sua vida até

⁴³ DERRIDA, 1996a, p. 59, § 14.

⁴⁴ Esse pensamento encontra uma formulação clara quando o autor faz as seguintes considerações: La phrase, l’injonction contradictoire qui aurait ainsi ordonné ma vie, elle m’aurait dit, en français : garde-toi du judaïsme – ou même de la judéité. Garde-t’en pour en garder, garde-t’en toujours un peu, garde-toi d’être juif pour te garder juif ou pour garder le Juif en toi. Prends garde au Juif en toi. Regarde bien, sois vigilant, sois regardant et ne sois pas juif à n’importe quel prix. Même si tu es seul et le dernier à être juif à ce prix, regardes-y à deux fois avant de déclarer une solidarité communautaire, voire nationale ou surtout état-nationale et avant de parler, de prendre parti, de prendre position *en tant que Juif*. » (DERRIDA, 2014a, p. 78).

⁴⁵ A importância do segredo – e do nome secreto – ganha uma importância considerável nas obras finais de Derrida. A esse respeito, ver: DERRIDA, 2014b, p. 36-7; DERRIDA, 2014a, p. 88-9.



o dia em que sua realeza pudesse [...] exercer-se à luz do dia, sem risco para a preciosa semente; em seguida que eu deveria não portar à luz sinal judaico) [...].⁴⁶

Esse mesmo movimento de recusa, por meio do segredo – implicando sua preservação –, é o que, *mutatis mutandis*, explica o movimento de revelação – implicando sua *destruktion* (no sentido heideggeriano com que Derrida o emprega). O autor escrevia seu “livro de Elias [*livre d’Élie*]”, desde meados da década de 70, e a princípio hesitou em revelar seu judaísmo “secreto”. Mas não ignorando que a revelação desse segredo para si mesmo já teria inaugurado de toda forma o movimento responsável por tornar – no âmago do segredo – seu judaísmo (im)possível, assume seu gesto como um *pas de sens* [passo de sentido; sem sentido] e afirma a negação de sua inegável herança. Sobre isso, o autor escreve o seguinte:

como sou algUm destes que o Deus Uno não cessa de de-circuncisar [*comme je suis quelqu’Un que le Dieu Un ne cesse de dé-circoncire*], por outras palavras *obstina-se* ela mesma em fazer sangrar dispersando, *salus in sanguine*, todos os que não dormem mais fingem esperar-me ali onde já advim, como o mais verdadeiro dos falsos profetas, eles querem deportar sua obsessão por Elijah, a atração repulsão, aspirados projetados à periferia de uma frase, às perífrases de minha assinatura.⁴⁷

Para além de seu pretense ateísmo,⁴⁸ ou de suas preces a um deus que habita em si mesmo – (em) seu inconsciente⁴⁹ –, o autor se reconhece explicitamente em sua “Circonfissão” com as seguintes palavras: “o último dos judeus que ainda sou não faz outra coisa aqui senão destruir o mundo sob o pretexto de fazer a verdade”.⁵⁰ Ora, se esse pretexto – que consiste aí em “fazer a verdade” – é aquilo mesmo donde parte esse texto de Derrida e que se faz nesse mesmo texto por meio de uma confissão, é preciso afirmar – levando-se em conta que “confessa-se sempre o outro”⁵¹ – a feitura da verdade como um convite de abertura à alteridade.

[P]ois ao haurir o não-saber do porvir na sobrevinda, não o encontro em nenhum outro lugar exceto na confissão de minha memória, quando por exemplo não sei se começarei ou renunciarei a escrever à morte de minha mãe, com essa

⁴⁶ DERRIDA, 1996a, p. 72, § 17, tradução de Anamaria Skinner.

⁴⁷ DERRIDA, 1996a, p. 158, § 40, tradução de Anamaria Skinner.

⁴⁸ DERRIDA, 1996a, p. 114, § 30.

⁴⁹ DERRIDA, 1996a, p. 184, § 49.

⁵⁰ DERRIDA, 1996a, p. 135, § 36.

⁵¹ DERRIDA, 1996a, p. 109, § 29.



escritura assim *prometida à morte*, ao passo que o desejo de falar, *a fortiori* e *a priori* de escrever, se extinguiria, trata-se de meu saber absoluto, se um de meus filhos incircuncisos me deixasse, subsistindo o fato, e luminoso, que minha primeira publicação seguiu-se à vinda do primeiro deles, como se o destinatário significasse para mim o filho, a filha sonhada, todo leitor possível transformando-se no incircunciso a confessar, mão estendida a todas as filhas mártires que perguntarão o que fazem aqui, com ou sem excisão [...].⁵²

Jacques Derrida trata ao longo de sua obra da situação da escrita contemporânea, propondo desdobramentos importantes, seja em sua retomada (sempre renovada e renovadora) da tradição, seja em sua atenção às potencialidades do presente, para a demarcação de uma via efetivamente aberta ao porvir. Em sua “Circonfissão”, o autor desenvolve uma série de especulações sobre o modo por que essas mesmas questões incidem diretamente sobre o *corpus* de um autor inevitavelmente ligado ao judaísmo. Cunhando a palavra que dá título ao texto, Derrida indica uma série de *veines* [veios; veias] possíveis para uma textualidade judaica contemporânea que esteja verdadeiramente aberta a *circunfessar-se* (o outro).

Referências

- BENNINGTON, Geoffrey. Atos (A lei do gênero). In: BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 219-223.
- BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- DERRIDA, Jacques. Circonfession. In: BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Paris: Éditions du Seuil, 1991. p. 7-291.
- DERRIDA, Jacques. Circonfissão. In: BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996a. p. 11-218.
- DERRIDA, Jacques. *Le monolingüisme de l'autre: ou la prothèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996b.
- DERRIDA, Jacques. *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Trad. Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DERRIDA, Jacques. *Memórias de cego: O auto-retrato e outras ruínas*. Trad. Fernanda Bernardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

⁵² DERRIDA, 1996a, p. 107, § 28, tradução de Anamaria Skinner.



DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DERRIDA, Jacques. Abraham, l'autre. In: _____. *Le dernier des Juifs*. Paris: Éditions Galilée, 2014a. p. 67-126.

DERRIDA, Jacques. Avouer – l'impossible. In: _____. *Le dernier des Juifs*. Paris: Éditions Galilée, 2014b. p. 13-66.

MILLER, Joseph Hillis. *For Derrida*. New York: Fordham University Press, 2009.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: "notas" de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. São Paulo: É Realizações, 2015.

ROBERT, Paul. *Le nouveau Petit Robert: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris : Le Robert, 2010.

Recebido em: 13/03/2017.

Aprovado em: 13/04/2017.